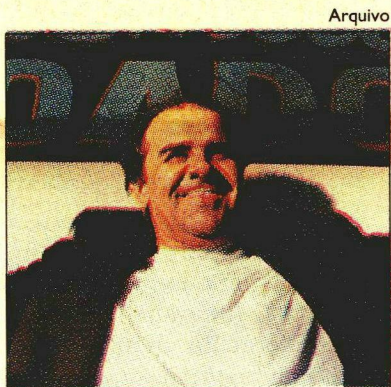


CULTURA

Política cultural é aqui mesmo. Um papel do estado que o Estado brasileiro demorou a assumir, apesar da evangelização de profetas como Roquette Pinto, Mário de Andrade, Rodrigo Mello Franco de Andrade e que hoje é assumido institucionalmente pelo Ministério da Cultura. Nada, porém, subsiste à margem do voluntarismo e da soma de contribuições de organizações locais, nacionais e internacionais, cuja eficiência depende sempre dos seus agentes. A figura do animador cultural, que se tornou folclórica e substituiu o ativista heróico, está aos poucos sendo substituída por ações organizadas em que líderes, consultores e conselheiros profissionalizam-se. A vitalidade cultural de Brasília aos poucos abandona os fluxos e refluxos das sazonalidades político-partidárias e se impõe, permanente.



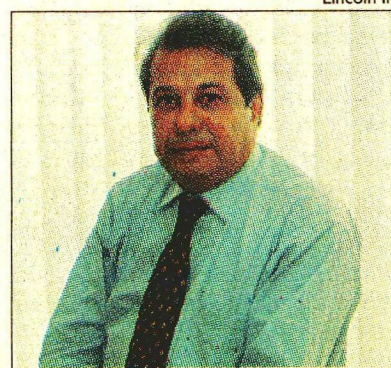
Arquivo

• JOSÉ DAMATA

José Damata nasceu na cidade baiana de Xique-Xique e veio morar em Brasília em 1967. Aqui, Damata envolveu-se com o cinema. Desde cedo, como ele mesmo fala, o cinema era uma aventura, mas ganhou ares mais sérios quando o baiano conheceu o Cine Clube de Brasília, dirigido por Geraldo Sobral e Rogério Costa Rodrigues. Damata saía de Taguatinga para o Plano Piloto, fugindo dos filmes convencionais de banguê-banguê e capa-e-espada. Atrás de novidades, conheceu no Cine Clube outras linguagens cinematográficas, como o neo-realismo italiano, o expressionismo alemão e o Cinema Novo brasileiro.

• MOACIR DE OLIVEIRA

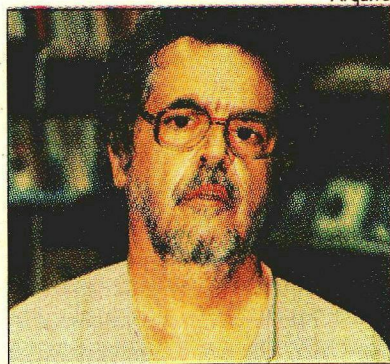
Moacir de Oliveira nasceu na cidade mineira de Sabará, em 1947. Após cursar o colegial, ingressou na Faculdade Católica para estudar filosofia. Porém, não chegou a concluí-la. Seu interesse havia se voltado para a sétima arte, à qual se dedica até hoje. Nessa época, tinha dezoito anos. Foi quando produziu seu primeiro curta-metragem, *A Vida Apenas*, inspirado em uma poesia de Carlos Drummond de Andrade. Aos 20 anos casa-se. Para sobreviver, trabalha com publicidade. O contato com o cinema se mantém através do filme *Os Marginais*, quando tem a oportunidade de trabalhar como assistente de produção de Carlos Prates. Além disso, realiza o primeiro curta a cores de Minas, sobre a vida e obra de Alberto da Veiga Guignard.



Lincoln Iff

• WILSON HARGREAVES

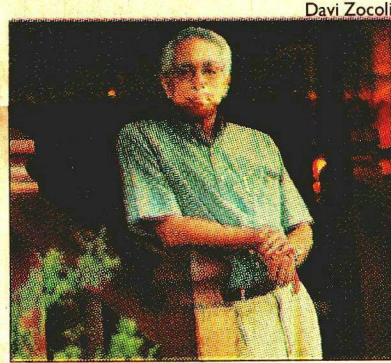
Dono da Casa do Livro, no edifício Venâncio VI, Wilson Hargreaves conquistou a simpatia e o respeito de leitores de diferentes gerações. Há mais de duas décadas se esmerando para atender às expectativas daqueles que freqüentam a sua loja, o livreiro - hoje com 59 anos - se tornou uma referência na cidade. Afinal, aqueles que o procuram em busca de alguma publicação sabem que podem contar com um serviço diferenciado, que inclui desde indicações bibliográficas ao empenho para localizar uma obra que não está disponível nas prateleiras.



Arquivo

• MARIA PILAR GALOFRE

Quem conversa com a embaixatriz da Colômbia, Maria del Pilar Marulanda de Galofre, tradutora, cientista política com mestrado em Relações Internacionais, logo percebe seu amor às artes e seu alto grau de cultura. Apoiada nessa paixão, trouxe para Brasília o Ballet Folclórico da Colômbia, o Festival de Bolero (com participantes de Cuba, Venezuela e Equador), o Grupo de Música caribenha, a pianista Teresita Gomes, o Festival de Cinema Latino-Americano, a Exposição de Botero e a Feira das Flores Colombianas. A embaixatriz e seu marido são comumente citados como beneméritos, por Julio Landmann, Presidente da Bienal, por suas contribuições ao evento que reúne grandes nomes das artes plásticas.



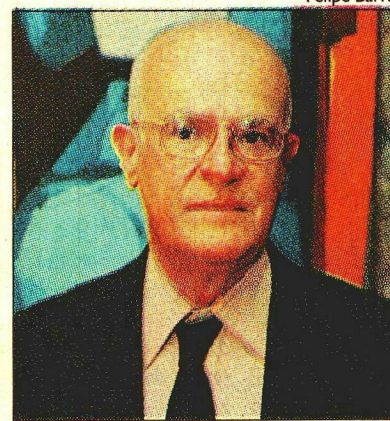
Davi Zocoli

• LAURO MOREIRA

O Embaixador Lauro Barbosa da Silva Moreira coleciona postos. É chefe do Departamento Cultural do Itamaraty, Presidente da Comissão Nacional para as Comemorações do 5º Centenário do Descobrimento do Brasil e Presidente da Comissão Executiva Bi-lateral Brasil-Portugal para as Comemorações do V Centenário das Viagens de Pedro Álvares Cabral. Como se vê, o advogado deixou-se levar pelo que mais gosta em sua ilustre carreira: a cultura. Suas amizades soam como uma prateleira ilustre de biblioteca, com direito a Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade.

• IVAN BATALHA

Ser um auto-didata em formação cultural é assunto que o embaixador Ivan Batalha domina, pois ele mesmo é um exemplo disso, sem negar que sofreu forte influência de Carmem Castelo Branco, sua primeira professora de violino e sua grande incentivadora. Advogado, preparou-se durante seis meses para o concurso de ingresso no Itamaraty, e foi aprovado em segundo lugar. Ao terminar o curso no Instituto Rio Branco, ocupava o honroso primeiro lugar. Para desenvolver seu lado cultural, fez de sua carreira e dos lugares onde morou, importantes quesitos. Se primeiro posto foi em Bonn, onde o ambiente cultural era estimulante, e foi aproveitado como tal.



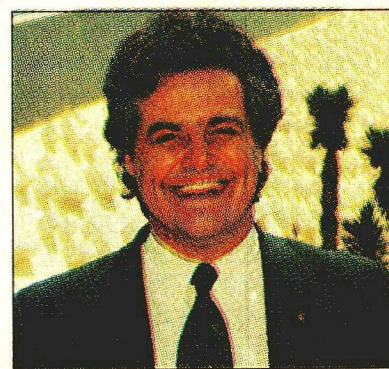
Felipe Barra

• WLADIMIR MURTINHO

Wladimir Murtinho nasceu na Costa Rica, em 1919. Posteriormente naturalizou-se brasileiro e, em 1940, ingressou na carreira diplomática. Assim que assumiu, foi designado para dirigir o Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores. Após três anos, aceitou o convite de dirigir a biblioteca do Conselho Federal do Comércio Exterior. Em 1962 deixou o Rio de Janeiro e veio para Brasília, coordenar a construção do Palácio do Itamaraty. De 1974 a 1979 assumiu a função de secretário de Educação e Cultura do DF, quando teve a oportunidade de inaugurar o Teatro Nacional, bem

como de criar sua orquestra.

Outra obra por ele inaugurada foi o Centro de Criatividade, formado pelos teatros Galpão e Galpãozinho (onde hoje funciona o Espaço Cultural 508 Sul). Além disso, Wladimir Murtinho reformou o Cine Brasília e retomou o Festival de Cinema, que estava interrompido por motivos políticos. Ao retornar ao Itamaraty dirigiu o Instituto Rio Branco e, paralelamente, trabalhou na Fundação Alexandre de Gusmão, quando se tornou o primeiro presidente da entidade. Depois disso, em 1987, passou a dirigir o Instituto Nacional do Livro.



• SÍLVIO BARBATO

Sílvio Barbatto nasceu no Rio de Janeiro mas residiu em Brasília entre a segunda metade dos anos 70 e o início dos anos 80. Aluno da UnB, estudou Composição e Regência com Cláudio Santoro. Em 80, realizou seu primeiro concerto profissional, como músico da *Orquestra do Teatro Nacional*. Em 82, foi para a Itália, com uma bolsa do CNPQ. Convidado pelo maestro Romando Gandolfi, foi auxiliá-lo junto ao coro do Teatro Alla Scala, em Milão. Sílvio Barbatto continuou trabalhando com outros maestros à frente de orquestras italianas. Em 85, conquistou o 1º Prêmio do Conservatório Giuseppe Verdi, distinção máxima do governo italiano, concedida anteriormente a Carlos Gomes. Em 86, Barbatto veio trabalhar em Brasília como assistente do maestro Cláudio Santoro, na *Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional*. Quando o compositor amazonense faleceu, em 89, Sílvio assumiu seu lugar, permanecendo no cargo até 1992. Sílvio Barbatto retomou as atividades com a Orquestra no início de 99, convidado pela secretária de Cultura, Luiza Dornas. Atualmente, ele se divide entre as orquestras do Teatro Municipal, no Rio, e a do Cláudio Santoro.



Francisco Stuckert

• RUI RASQUILHO

Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal no Brasil, Rui Rasquilho nasceu em Lisboa, no dia três de março de 1945. Poeta e historiador, o conselheiro é o idealizador de uma intensa programação cultural, fazendo da Embaixada de Portugal uma das mais movimentadas da capital brasileira. Rasquilho tem se destacado por trazer à cidade exposições e artistas portugueses e por incentivar o intercâmbio cultural entre os dois países. Até assumir o cargo no Brasil, Rasquilho trilhou um longo caminho na cultura portuguesa. Formado em História pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, o conselheiro começou sua vida profissional como professor de ensino secundário, atuando de 1971 a 1978. Paralelamente, ingressou no meio acadêmico como coordenador do Departamento de Estrangeiros da Faculdade de Letras de Lisboa e membro da Comissão Instaladora da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Lisboa. Em seguida, foi diretor de gabinete para relações com países de língua oficial portuguesa da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, órgão no qual presidiu a Campanha Nacional para a Defesa do Patrimônio.